

GUMBRECHT, H. U. **O elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

**Cláudio Pellini Vargas**

Centro Universitário Estácio de Sá, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

**Humberto Schubert Coelho**

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

Quais as formas possíveis de se pensar, analisar ou interpretar o esporte e as práticas corporais? Para além do desempenho, dos resultados, das alterações fisiológicas, da qualidade de vida, da recreação e lazer e/ou dos obscuros aspectos ideológicos e sociopolíticos, existe uma que parece pouco explorada na literatura pertinente ao campo da Educação Física (EF) e que pode ser traduzida na expressão filosófica “experiência estética”.

É com esse sentido que o autor alemão Hans Ulrich Gumbrecht, em seu livro *O elogio da beleza atlética*, se propõe a refletir. A partir de inúmeras de suas emoções enquanto espectador esportivo, vivenciadas ao longo de sua vida, e das desconexões entre o esporte contemporâneo “rentável” e as lendárias práticas da Grécia antiga, o autor apresenta uma proposta original de análise. Em síntese, trata-se de obra acadêmica sobre os prazeres do público que assiste a práticas corporais atléticas.

O objetivo de Gumbrecht consiste em compreender o fascínio que muitos espectadores nutrem por espetáculos esportivos. Tendo por base exemplos clássicos do esporte contemporâneo, observáveis em partidas de esportes coletivos ou mesmo em inesquecíveis lutas dramáticas entre atletas de alto nível, o autor é enfático ao comparar o ato de assistir a apresentações esportivas com a apreciação de obras de arte. Sustentado em Kant, apresenta a ideia de juízo estético a partir do conceito de “universalidade subjetiva”, ou seja, julgar algo como belo implica apenas a expectativa de que outros também julgarão, sem haver necessariamente a concordância. É como se nossos atos de juízo estético dependessem exclusivamente de um sentimento interior de prazer ou desprazer.

O livro se divide em momentos fundamentais, os quais podem ser representados pelas expressões de (1) conceituações filosóficas; (2) descontinuidades históricas, e (3) fascínio pelo esporte, os quais buscaremos sintetizar neste breve trabalho reflexivo.

Ao longo da primeira parte, o autor dialoga com a filosofia de Kant e apresenta delimitações conceituais interessantes para pensarmos o esporte à luz do outro, ou seja, daquele que assiste e se deslumbra com o que vê. A determinação em valorizar a beleza esportiva e atlética como encarnação dos valores mais altos da cultura é o que Gumbrecht chama de *elogio*. Indo além, ele faz uma crítica aos intelectuais contemporâneos que perderam essa capacidade de elogiar, reduzindo o esporte aos aspectos que perpassam as obscuridades políticas ou ideológicas. Em suas palavras, “quando intelectuais, mesmo que sejam intelectuais que adoram esporte, aplicam aos eventos esportivos as ferramentas nas quais foram treinados, eles com frequência se sentem obrigados a interpretar o esporte como um sintoma de tendências altamente indesejáveis”. (p. 27) Ora, não será comum concluir que, dentro de várias tradições intelectuais recentes, observadas em Bourdieu, Foucault e Elias, por exemplo, muito se escreve sobre

o esporte em nome de causas não esportivas? Esse entendimento pode ser ilustrado pelo clássico exemplo dos jogos da Alemanha nazista, conforme o autor, sempre evocada para mostrar o esporte como instrumento de manipulação política, ao invés de ser destacado que o próprio Hitler foi derrotado pela excelência dos atletas afro-americanos em solo alemão.

O pesquisador sustenta que a classe intelectual deve aprender a encarar o esporte como algo belo para conseguir elogiá-lo. Faz também comparações criativas e instigantes do espetáculo esportivo com obras de arte consagradas através dos tempos, como as sinfonias de Beethoven, por exemplo, ironizando os próprios intelectuais da alta cultura a favor do esporte, que é muitas vezes entendido por este grupo como uma espécie de “a mais bela marginalidade da vida” (afinal, como ele argumenta, ninguém chamaria uma sinfonia de Beethoven de marginal). O autor é contundente e sustenta que, como intelectuais, herdamos do Iluminismo uma forma incansável de atacar tudo, assim como se atacava veementemente o período feudal que antecederia os primórdios do pensamento moderno.

Naturalmente, contudo, o aspecto saudável da crítica iluminista estava no contrapeso de sua não menos intensa valorização da racionalidade, isto é, da análise criteriosa e calcada em princípios ocidentais, que o Romantismo e seus desdobramentos irracionistas ou antropologizantes passaram a minar a partir de Nietzsche e Freud. Como consequência, herdamos do Iluminismo o seu caráter destrutivo de questionamento sistemático sem a contrapartida de seu caráter construtivo de fomento de bases mais racionais para nossas escolhas. O resultado é o relativismo tão presente na arte quanto na questão do lugar do atlético no imaginário popular.

Ao iniciar sua descrição sobre o que entende por beleza, Gumbrecht inicia um diálogo agradável com Kant, em especial com sua *Crítica do juízo*, uma das grandes obras da filosofia ocidental. Seguindo tais parâmetros, o autor admite que assistir a esportes realmente corresponde às definições mais clássicas de experiência estética. Para ele, a característica central que explica a disseminação e a popularização do esporte é o seu “apelo estético” e essa coisa que chamamos de beleza seria “a forma da intencionalidade de um objeto, que é percebida nele sem a representação de um fim” (p. 40). Ao mesmo tempo em que realiza tais reflexões, Gumbrecht não abandona as concepções que ressaltam os hábitos pouco saudáveis que o esporte pode alimentar, como estresse, agressões, vícios etc.

Um dos conceitos que surge na obra diz respeito à “insularidade da experiência estética”, que arriscaríamos comparar com a ideia de fluência (*flow feeling*), desenvolvida no campo da Psicologia do Esporte. Trata-se de uma espécie de “desconexão” que os esportistas mais competentes conseguem realizar em relação às pressões externas. Michael Jordan dizia que seus melhores jogos eram aqueles nos quais parecia que não existia nada no mundo além do basquetebol. Enfim, é uma espécie de total absorção na atividade, na qual nada mais parece importar a sua volta.

Ainda dentro da filosofia kantiana, Gumbrecht evoca as diferenças entre o *belo* e o *sublime*: “o belo diz respeito à forma do objeto, que consiste em limitação; o sublime, ao contrário, será encontrado num objeto sem forma, desde que a ilimitabilidade esteja representada nele” (p. 41). Nesse sentido, o belo produz uma espécie de satisfação sempre ligada a uma qualidade; já o sublime vincula esta satisfação à quantidade [da intensidade]. Também por isso Kant associara o belo à arte e à natureza idílica, enquanto o sublime é uma categoria melhor aplicada aos cenários indescritíveis e dinâmicos de tempestade e grandiosidade das forças naturais, nos quais se evidencia a pequenez da existência física humana. Pode-se dizer, portanto, que o sublime ultrapassa de algum modo o belo, e o faz por intensificação e extrapolação. O belo, para Kant, é muito mais harmônico, mas, por isso, convencional.

Para ilustrar, o autor apresenta uma série de momentos em eventos esportivos marcados por uma intensidade que, quando comparados a todo o resto, tornam-se únicos e inesquecíveis. Particularmente, os momentos marcantes da carreira de Ayrton Senna seriam bons

exemplos do que seja o sublime no esporte, a julgar pela histórica “melhor primeira volta de todos os tempos”, quando o ídolo se firma na primeira posição após várias ultrapassagens em seus rivais antes de completar a primeira volta (espetáculo ainda mais dramatizado pela chuva). Também se destacam a genialidade de Pelé e as arrancadas convertidas em gols de Maradona no futebol, como exemplos que carregam essa intensa ideia de sublime. Para Gumbrecht, o sublime traduz uma “arrebatadora singularidade” (p. 43) a certas conquistas e causam no espectador uma espécie de “epifania”, entendida como “a fonte da alegria que sentimos ao assistir um evento esportivo” (p. 46), marcando a intensidade de nossa resposta estética.

O autor busca ainda uma definição para esporte levando em conta sua atração estética, tentando relacionar as diversas modalidades de uma forma simples. Ora, quais são as semelhanças entre hipismo e futebol, por exemplo, para que ambas sejam entendidas como esportes? É aqui que Gumbrecht apresenta a ideia de *presença* como uma possível abordagem para o problema. Primeiramente, ele percorre alguns significados para o termo *performance*, mas que se apresentam insatisfatórios para seu objetivo; a seguir, pressupõe um conceito para *presença* argumentando que “algo presente é algo que está ao alcance, algo que podemos tocar, e sobre o qual temos percepções sensoriais imediatas” (p. 50).

Ao passo que pertinente, a análise de Gumbrecht parece não se apropriar, no entanto, de outros aportes significativos, até naturais, de teorias estéticas sobre o problema. No que diz respeito ao esporte, as propostas estéticas de Goethe e Schiller são seguramente tão importantes quanto as de Kant. Seria, talvez, o caso de se lembrar do naturalismo goetheano em relação aos elementos da estética do dinamismo corporal e do fator psicológico-moral envolvido no esforço do atleta, enquanto Schiller aborda competentemente o aspecto lúdico da vida humana como o espaço da experiência, fato que nos aproxima também das recentes compreensões de Johan Huizinga, nascidas em seu clássico *Homo Ludens*, de 1938, muito utilizado nos campos de pesquisa do esporte, do lazer e do brincar na EF.

Buscamos com o texto contribuir para que a *estética* seja um assunto filosófico a ser desenvolvido nos currículos dos cursos de formação em EF e, na medida em que o esporte e outras práticas corporais vêm sendo regularmente criticados num contexto liberal de megaventos esportivos e de corrupção da política brasileira, a qual não fornece necessidades básicas à população, redescobrir a importância destas práticas, mantendo-as desvinculadas dos interesses ideológicos, parece-nos claramente um rico caminho a ser descortinado.

Recebido em: 26/03/2017

Revisado em: 19/05/2017

Aprovado em: 05/06/2017

Endereço para correspondência:

[prof.pellini@yahoo.com.br](mailto:prof.pellini@yahoo.com.br)

Cláudio Pellini Vargas

Centro Universitário Estácio de Sá - Juiz de Fora

Av. Pres. João Goulart, 600

Cruzeiro do Sul, Juiz de Fora - MG

36030-142